

A IMPORTÂNCIA DO PRÉ-NATAL E DOS CUIDADOS DOMICILIARES DE CRIANÇAS COM MICROCEFALIA, UMA REVISÃO DE LITERATURA

Vanessa Mendes Ferreira¹
Emilly Santana Sales²
Luiza Valadares e Pereira³
Gabriela Chaves Mendes Justino⁴
vanessamfpsi@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

A microcefalia é dita como malformação congênita, de forma complexa e multifatorial, sendo diagnosticada a partir da medição do Perímetro Cefálico, visto que a partir do seu descobrimento mudanças significativas ocorrem na vida dos pais e familiares. O objetivo do presente estudo é descrever a literatura científica sobre implicações do diagnóstico de microcefalia causada pela infecção do Zika vírus, demonstrando de forma clara os desafios encontrados pelos assistentes domiciliares, destacando a transcendência do pré-natal e dos cuidados necessários posteriormente. Foi realizado um estudo descritivo, de uma revisão bibliográfica, a partir de levantamento bibliográfico em citações e artigos, através da base de dados do Google Acadêmico, Scielo, BVS e revistas da área da saúde. Determina-se que pacientes portadores de microcefalia trazem consigo mudanças, nas quais são advindas desde o pré-natal, e a importância do vínculo dos profissionais da saúde com os responsáveis pelas crianças é de suma importância, visto que as complicações não são facilmente aceitáveis. Por fim, conclui-se que é necessário alavancar ações a respeito da temática para disseminação concreta das informações e melhoria na situação enfrentada por muitos.

PALAVRAS-CHAVE: Diagnóstico Pré-Natal; Assistência Domiciliar; Crianças com Deficiência; Microcefalia

INTRODUÇÃO

Primeiramente, cabe destacar que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a microcefalia é definida como uma malformação congênita de etiologia complexa e multifatorial, envolvendo fatores genéticos e ambientais que é

¹ Acadêmica do 4º período de Medicina do Centro Universitário Univértix - Matipó/MG

² Acadêmica do 4º período de Medicina do Centro Universitário Univértix - Matipó/MG

³ Acadêmica do 4º período de Medicina do Centro Universitário Univértix - Matipó/MG

⁴ Mestre em Ciências da Reabilitação pelo Centro Universitário de Caratinga/MG; Médica pelo Centro Universitário de Caratinga/MG; Especialista em Ginecologia e Obstetrícia pelo Hospital César Leite - Manhuaçu/MG; Docente do curso de Medicina no Centro Universitário Univértix - Matipó/MG

identificada a partir da medição do Perímetro Cefálico (PC). O PC é uma medição fundamental no atendimento pediátrico, através dele é possível diagnosticar quantitativamente doenças neurológicas. (JUNQUEIRA *et al.*, 2020)

A microcefalia é definida como a medida da circunferência occipitofrontal, dois ou mais pontos abaixo do desvio padrão para idade gestacional e sexo, assim o cérebro de pacientes identificados com microcefalia é menor. Associado a essa alteração no desenvolvimento, cerca de 90% dos casos apresentam algum tipo de deficiência intelectual. Entretanto, ela apresenta sequelas que dependem de fatores como sua etiologia e idade gestacional, quanto mais precoce a afecção, mais graves serão as anomalias do sistema nervoso central. (RAYMUNDO, 2018)

As principais causas de microcefalia são defeitos genéticos de herança autossômica recessiva que reduzem o volume cerebral; intercorrências perinatais como hemorragia intracraniana e trauma obstétrico; pós-natais como doenças crônicas e desnutrição e fatores ambientais como exposição materna a drogas, intoxicações e infecções congênitas como toxoplasmose, rubéola, citomegalovirose, sífilis, síndrome da imunodeficiência adquirida e infecção pelo Zika vírus, que atualmente compreende uma das causas mais importantes, representando uma parcela significativa dos diagnósticos desse hipodesenvolvimento. Assim, o diagnóstico de microcefalia desencadeada pelo Zika vírus, o qual será melhor abordado neste artigo, deve abranger o contexto epidemiológico e as condições clínicas das pacientes, podendo em alguns casos até ser realizada a sorologia materna como forma de identificação do contágio. (DOS SANTOS PIRES *et al.*, 2019).

O nascimento de uma criança com alterações significativas no desenvolvimento, como a microcefalia, provoca grandes mudanças na vida dos pais e familiares, trazendo a necessidade de adaptações na rotina familiar, afetando consequentemente as relações interpessoais, as atividades cotidianas, laborais, pessoais e sociais. (JUNQUEIRA *et al.*, 2020)

Dessa forma, de acordo com Junqueira *et al.* (2020) o ambiente no qual a criança está inserida é considerado um fator muito importante em seu desenvolvimento, devido a diversidade de estímulos, por ser onde ela passa a maior parte do tempo, sendo então o local onde ela mais interage e aprende com os pais e familiares, tornando assim a estimulação mais constante e efetiva.

Os achados na literatura apontam também inúmeros desafios enfrentados pelos familiares de crianças com microcefalia, como o medo e a insegurança ao realizarem os estímulos e a falta de conhecimento e apoio referente aos cuidados domiciliares necessários destes filhos, visto que muitos não sabem se essas ações estão sendo realizadas da forma correta para obterem o resultado esperado no desenvolvimento da criança, além de também apresentarem dúvidas quanto à evolução motora e intelectual da criança acometida com essa condição (JUNQUEIRA *et al.*, 2020).

Diante do exposto, este presente estudo tem como objetivo identificar implicações do diagnóstico de microcefalia causada pela infecção do Zika vírus, corroborando os desafios enfrentados pelos cuidadores, ressaltando a importância do pré-natal e dos cuidados domiciliares à crianças acometidas por essa condição. Visto isso, possui uma relevância de cunho social, prezando por um melhor bem-estar e qualidade de vida, sendo pertinente para a melhora dos indicadores nacionais sobre o número de pacientes acometidos com microcefalia e os cuidados dignos necessários.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica pura e qualitativa, que mediante Leles, Melo, Ramos (2019), é classificado como um estudo que oferece esteio para a tomada de atitudes e melhorias nas atividades do cotidiano, concedendo aprofundamento em um determinado assunto, sendo uma forma de pesquisa fundamental, visto a dimensão da importância na qualidade da assistência oferecida.

Dessa maneira, as buscas ocorreram a partir de um levantamento bibliográfico, realizado através da base de dados do Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), em Cadernos de Saúde Pública, revistas, tais como a Revista Brasileira de Saúde Funcional, Revista Baiana de Enfermagem, Revista Enfermagem Atual In Derme, Revista da Faculdade de Medicina de Teresópolis, Revista Científica FAEMA, Revista de Enfermagem da UFPE e Revista Gaúcha de Enfermagem, entre os anos de 2018 e 2021, com o intuito de compreender a importância da realização do pré-natal para diagnóstico e atenção aos cuidados destinados a criança no lar.

Sendo assim, a busca foi realizada nos presentes descritores: Diagnóstico Pré-Natal; Assistência Domiciliar; Crianças com Deficiência; Microcefalia. Os critérios para seleção de artigos foram englobados e relacionados, delineando o período gestacional e a vivência no desenvolvimento da criança. Os dados foram pesquisados entre o período de março, abril e maio de 2022, com auxílio dos descritores. Foram encontrados nas bases de dados supracitados, 275 artigos correlacionados, sendo então selecionados 35 artigos para leitura completa, sendo excluídos 20 e selecionados 15, referencialmente. Entre os critérios de exclusão, pode-se citar período de publicação, monografias e dissertações e entre os critérios de inclusão, publicações feitas após 2018 e características clínicas relacionadas aos descritores citados.

RESULTADO E DISCUSSÕES

O Zika vírus é um arbovírus, identificado inicialmente em 1947, na floresta Zika, em Uganda, e em 1952, houve a primeira evidência de infecção humana por esse vírus, na África. A partir desse ano, sua circulação entre humanos se manteve esporádica, com casos isolados, mais restritos nas regiões da África e Ásia. Em 2007, houve então o registro do surto de infecção por Zika vírus, sendo este o primeiro indício de uma possível globalização desta infecção. (RAYMUNDO, 2018)

Os casos de Zika Vírus no Brasil, segundo Dos Santos et al, (2018) começaram a ser reportados entre 2014 e 2015 em amostras de soro de pacientes no Rio Grande do Norte e na Bahia, sendo a sua disseminação fortemente influenciada pela grande distribuição no país do mosquito *Aedes Aegypti*, o qual é o vetor da doença, bem como à falta de imunização da população, o que gerou uma sequência de casos, alarmando a saúde pública e trazendo dúvidas acerca de sua prevenção, tratamento e prognóstico.

As pessoas infectadas pelo Zika vírus se mantiveram em grande parte, assintomáticas, enquanto a maioria dos pacientes sintomáticos apresentaram uma doença branda e autolimitada, entretanto, estudos mais recentes, associam a infecção pelo Zika vírus à complicações neurológicas e a malformações fetais, como a microcefalia, em mulheres infectadas no período gestacional. A transmissão ocorre na maior parte dos casos através dos mosquitos da família Culicidae, do gênero *Aedes*, mas outras formas de transmissão também estão sendo notificadas, como através de relações sexuais e transmissão vertical, considerada responsável por um aumento significativo do número de nascimentos de crianças com microcefalia. (RAYMUNDO, 2018)

Consoante Campos *et al.* (2018) os anos de 2000 a 2014 no Brasil, 2.464 nascidos vivos foram diagnosticados com microcefalia, configurando uma média anual de 164 diagnósticos, já no ano de 2015, o número aumentou de forma exponencial, somando 1.608 casos, sendo 71,0% destes notificados na região Nordeste do país. Além dos casos notificados, há que se destacar o contágio de gestantes pelo vírus, que está atrelado à causa de microcefalia, doença descrita como uma forma de malformação congênita, caracterizada pela constatação de um perímetro cefálico menor em relação ao parâmetro estabelecido para a idade do bebê, o que gera prejuízos no desenvolvimento neurológico, e, sem dúvidas, afetam drasticamente a qualidade de vida da criança. Nesse sentido, o contexto familiar e o Sistema Único de Saúde são atingidos diretamente a fim de buscar mecanismos para lidar com a nova realidade. (CAMPOS *et al.*, 2018)

Raymundo (2020) afirma que a relação de gestantes infectadas pelo vírus e o aumento dos relatos de crianças com microcefalia devem ser investigadas a fundo, avaliando as possíveis implicações decorrentes desta condição, observando as alterações intelectuais e de desenvolvimento neuropsicomotor, além dos desafios na vida da criança afetada e de seus cuidadores.

As mudanças trazidas pela epidemia do Zika Vírus começam ainda no pré-natal, em que as gestantes são orientadas quanto ao uso de repelentes, vestimentas que cubram bem o corpo dentre outros cuidados, principalmente as que residem em regiões endêmicas da arbovirose em questão. Ademais, é analisado o perímetro cefálico do bebê a cada ultrassom realizado, o que permite acompanhar o desenvolvimento e, assim, comparar com os parâmetros de normalidade estabelecidos. (CAMPOS *et al.*, 2018)

O pré-natal realizado de forma adequada visa garantir o bem-estar materno e neonatal, objetivando uma boa gestação e um parto saudável, acolhendo a gestante, desde o início da gravidez, acompanhando, avaliando e reavaliando de forma humanizada e qualificada cada etapa do período gestacional. Os profissionais envolvidos devem realizar uma anamnese completa, considerando os aspectos familiares, sociais, econômicos, psíquicos e epidemiológicos, além de avaliar a situação atual em relação a gravidez, através de exame físico, exames laboratoriais e cartão de vacinas. (VALE, 2018)

Dessa forma, se faz necessário durante o pré-natal, realizar a detecção e a notificação de todos os casos de gestante com possível infecção pelo vírus Zika, além dos fetos com alterações do SNC, abortos espontâneos associados a infecção pelo vírus Zika e recém-nascidos vivos com diagnóstico de microcefalia possivelmente causada pela infecção pelo vírus Zika no período gestacional, para que ao ser investigado, seja confirmado ou descartado, possibilitando estratégias mais direcionadas e eficazes que envolvam ações de prevenção, promoção e atenção à saúde da população acometida. (RAYMUNDO, 2018)

Conforme Campos *et al.* (2018) o momento do diagnóstico do acometimento de microcefalia e suas consequências deve ser levado em consideração como um fator de saúde também para as mães, visto que acarreta sentimentos de insegurança, dúvida, medo e incertezas. Junqueira *et al.* (2020) ressalta que a adesão das mães ao cuidado da criança com esta condição é influenciada pelo seu estado emocional, como a depressão, além da não aceitação do diagnóstico e os sentimentos controversos por ter um filho com deficiência, somados a aspectos psicossociais e econômicos.

Dessa forma, é fundamental que os profissionais de saúde envolvidos no cuidado destas crianças conheçam o cotidiano destes familiares, objetivando elaborar estratégias que fortaleçam não somente a estimulação do desenvolvimento da criança no domicílio, como também, contemplem as necessidades dos cuidadores, oferecendo um serviço integral e equânime. O fato de os profissionais estarem, desde o pré-natal, disponíveis para orientarem e auxiliarem essas cuidadoras, colabora diretamente na construção de uma boa relação entre a equipe, a família e a criança, possibilitando melhor enfrentamento e conseqüentemente, melhores resultados. (JUNQUEIRA *et al.*, 2020)

A comunicação do diagnóstico de microcefalia durante o pré-natal, pode trazer consequências negativas para o casal ao longo da gestação e ainda repercutir após o nascimento da criança. Por isso, é visto como um fator de risco para a saúde mental, principalmente da mãe. Nesse sentido, a forma como é feita essa comunicação e a forma como os pais a recebem e a compreendem, possuem papel primordial na ressignificação da experiência materna e no cuidado oferecido ao bebê afetado. Cabe ao profissional de saúde se comunicar de forma clara e segura, possibilitando espaço de escuta e acolhimento, informando e orientando sobre os desafios que esta condição acarreta a vida da família. Os cuidadores, quando bem esclarecidos, têm mais oportunidades de compreender a importância de sua ação no desenvolvimento da criança, melhorando assim o seu prognóstico. (OLIVEIRA *et al.*, 2019)

Nessa linhagem, a respeito dos cuidados domésticos destinados, descreve Campos *et al.* (2018) em seu estudo com mães de crianças portadoras de microcefalia, acerca das orientações direcionadas ao cuidado domiciliar, sendo direcionamentos diversificados, tais como o estímulo da criança mediante o uso de brinquedos lúcidos, orientações a despeito da higiene, cuidados com a administração de medicamentos, importância do acompanhamento frequente à equipe multiprofissional. Ainda, no mesmo relato, algumas mães afirmaram já terem recebido visitas domiciliares e participado de palestras lideradas por profissionais de saúde para ajudar na adequação e desenvolvimento da criança no lar.

Conforme Junqueira *et al.* (2020), o nascimento de uma criança com microcefalia, faz com que os cuidadores tenham que percorrer os diversos serviços de saúde em busca de atendimentos de reabilitação, visto que não existe um tratamento específico para esta condição, dependendo então de uma assistência contínua, longitudinal e integral, através de uma equipe multi ou interdisciplinar, composta por, por exemplo, ginecologista, psicólogo(a), terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo(a), entre outros. É claro que a partir do momento em que há uma equipe atuando o atendimento se torna mais eficiente, gerando benefícios mútuos e significativos, não só para a gestante, mas também para o ser que ela está gerando. (PEDROSA *et al.*, 2020)

Os estudos revelam uma complexa rotina destes familiares devido a uma necessidade de dedicação intensa, uma vez que eles são os responsáveis por levar as crianças para os serviços de saúde, bem como realizar os cuidados gerais à criança no domicílio, além dos afazeres domésticos e outras atividades cotidianas, gerando cansaço físico e mental, prejudicando seu desempenho na estimulação e atenção às necessidades da criança. (JUNQUEIRA *et al.*, 2020)

Dessa forma, faz-se necessário o apoio dos profissionais direcionados à família, visto que cuidar de um filho com deficiência demanda, para além de aporte financeiro e atenção, uma saúde mental equilibrada dos pais, uma vez que a rotina será amplamente modificada. (CAMPOS *et al.*, 2018) Afinal, um cuidado delicado

traz consigo benefícios para a família e para o indivíduo, em que a criança se torna apta a desenvolver diversos mecanismos satisfatórios para o seu crescimento. (PEDROSA *et al.*, 2020)

CONCLUSÃO

Mediante o estudo de revisão bibliográfica feito, chega-se à conclusão que a microcefalia é uma complicação advinda da gestação ou adquirida nos primeiros anos de vida, que possui interferência de fatores genéticos e ambientais, sendo ainda uma questão alarmante para toda a população, principalmente para as gestantes, visto o novo surto de proliferação do mosquito *Aedes Aegypti* em diversas regiões do Brasil, no presente ano, 2022. Entretanto, vê-se que os cuidados domiciliares por muitas vezes são dificultados, mas, o apoio existente desde o pré-natal para as grávidas, é um mecanismo facilitador para a situação, ocasionando benefícios mútuos.

Sendo assim, torna-se evidente o quão necessário é ter diálogo com as gestantes nas unidades básicas de saúde, ou seja, trazer à tona os cuidados necessários que elas devem ter para que não haja contaminação da mesma por Zika Vírus, demonstrando as consequências causadas para os bebês. Dessa maneira, vale discorrer que muitas gestantes possuem baixo grau de informação, o que dificulta um pouco a passagem de informações para as mesmas, pois a grande maioria levanta questionamentos de situações que não ocorria antigamente, como o fato da não existência, de forma precisa, do controle de medidas do nascituro, para averiguar se está dentro dos padrões esperados, no caso, infere-se a medida do perímetro cefálico, que é o principal quesito para diagnóstico do raro distúrbio neurológico.

Outrossim, cabe ressaltar que levar essas informações à elas, é atribuição de uma equipe multidisciplinar, destacando ainda a APS (Atenção Primária à Saúde), pois a partir do momento em que houver um trabalho em coletivo, com disseminação das informações dos cuidados durante a gestação e após o nascimento, tendo o

diagnóstico de uma criança portadora de microcefalia, tal assunto pode se tornar mais leve para ser abordado, visto a tamanha resistência e dificuldade em aceitação e cuidados domiciliares.

Ademais, ao finalizar o presente estudo, pôde-se constatar que é imprescindível alavancar e retomar ações sobre o tema abordado, pois têm sido um foco de combate, ainda, na sociedade brasileira, e ainda é lacônico o número de projetos e programas de apoio a respeito, contemplando, assim, uma melhora significativa no entendimento do assunto e nos cuidados paternos dos indivíduos acometidos.

REFERÊNCIAS

CAJUHI, Ângela de Souza et al. Vivências de cuidadoras sobre o cuidado de crianças com microcefalia. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. [1-7], 2020.

CAMPOS, Mara Marusia Martins Sampaio et al. Desafios e perspectivas de mães de crianças com microcefalia pelo vírus Zika. **Rev Rene**, v. 19, p. 1-8, 2018.

DE JESUS SOUZA, Manuela et al. ITINERÁRIO TERAPÊUTICO DAS FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM MICROCEFALIA. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 33, 2019.

DE PAULA DELFINO, Fernanda Araújo et al. Qualidade de vida de cuidadores de crianças com microcefalia: relato de experiência Quality of life of caregivers of children with microcephaly: experience report. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 73700-73711, 2021.

DOS SANTOS, Denise Santana Silva et al. Cuidados à criança com Síndrome Congênita do Zika: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Saúde Funcional**, v. 6, n. 1, p. 81-81, 2018.

DOS SANTOS PIRES, Livia et al. Microcefalia: semiologia e abordagem diagnóstica. 2019.

FREITAS, Alyne Aparecida Ferreira et al. Avaliação do impacto familiar em pais de crianças diagnosticadas com microcefalia pelo Zika Vírus. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 87, n. 25, 2019.

JESUS, Uverlei Hilário de et al. Microcefalia Acometida Por Infecção Congênita Pelo Zika Vírus. **Revista Científica FAEMA**, 2018.

JUNQUEIRA, Cora Coralina dos Santos et al. Estimulação de crianças com síndrome congênita pelo Zika vírus no domicílio: desafios do cuidador. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 41, 2020.

LELES, Daniela de Oliveira; MELO, Juliana Macedo; RAMOS, Giselly dos Santos. A Síndrome de Burnout no exercício profissional da enfermagem. 2019.

MÉLO, Davi et al. Análise do contexto familiar de crianças com microcefalia. **Revista Inclusiones**, p. 13-25, 2019.

OLIVEIRA, Poliana Soares de et al. Experiências de pais de crianças nascidas com microcefalia, no contexto da epidemia de Zika, a partir da comunicação do diagnóstico. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, p. e00226618, 2019.

PEDROSA, Rafaella Karolina Bezerra et al. Itinerário da criança com microcefalia na rede de atenção à saúde. **Escola Anna Nery**, v. 24, 2020.

RAYMUNDO, Renata Tavares. Microcefalia associada ao zika vírus: um relato de caso. **Revista da Faculdade de Medicina de Teresópolis**, v. 2, n. 1, p. 23-40, 2018.

SOBROSA, Patrícia Sôra. Diagnóstico pré-natal de microcefalia e desfecho perinatal. 2018.

VALE, Jordana Avelino. Percepção das gestantes acerca da possibilidade de microcefalia dos bebês por contágio de Zika vírus, 2018.